

## Recensões

### Aprendendo com Lutero

**Recensão do livro *Viver pela fé : justificação e santificação*,  
de Oswald Bayer.**

(São Leopoldo : Sinodal/IEPG, 1997. 84 p.)

Esta obra é tradução do livrinho *Aus Glauben leben*, que, em duas edições (1984 e 1990), fez sucesso na Alemanha como um breve texto introdutório à teologia de modo geral, e à teologia de Lutero em especial, para um público mais amplo. Como diz o autor no prefácio, o conteúdo do livro é um desdobramento da fórmula programática de Paulo em Romanos 1.17: “viver pela fé”. Quem procura resposta para isto, diz Bayer, “pode aprender com Martinho Lutero”. Nesta obra ele compartilha conosco o que aprendeu com Lutero na busca por uma explanação satisfatória desse tema fundamental do apóstolo Paulo.

O livro é pequeno, mas o tema é muito grande. Na verdade, seu tema são os fundamentos da existência cristã no mundo. “Justificação” não diz respeito somente a uma doutrina teológica ao lado de outras. Nas palavras de Bayer, ela “tem o significado de um princípio e diz respeito a todo e qualquer tema”. Colocado o fundamento de forma apropriada, pode-se construir em cima. Algum desvio no fundamento, por sua vez, ameaçará sempre a estrutura toda do edifício.

O livro de Bayer segue um plano bem definido. Os *capítulos 1 e 2* representam uma entrada no tema pela radiografia do mesmo na vida humana e na sociedade. O problema é colocado, o problema que pede uma resposta que o autor dará, então, nos capítulos seguintes.

O *capítulo 1* trata da obsessão individual e das sociedades humanas por justificação, diante de si próprios e dos outros. Todas e todos nós somos constantemente chamadas/os a justificar a nossa própria existência neste mundo. E não precisamos pensar que isto seja algo restrito à esfera da religião. Pelo contrário. Mesmo que a sociedade se torne “pós-religiosa”, a busca constante de justificação se mascara e expressa de outras maneiras no contexto da vida na sociedade.

O *capítulo 2* mostra como disso resulta na teologia e na práxis cristã uma justificação do próprio Deus. É a questão da teodicéia (“justificação de Deus”). No âmbito do cristianismo ela tem acontecido de duas formas diferentes mas ligadas na base por seu projeto comum. Primeiro, temos uma teodicéia “contemplativa”, em que pela razão se tenta chegar a essa justificação de Deus face à miséria e ao sofrimento do mundo por Ele criado. Em segundo lugar, temos uma teodicéia “ativa”, em que se quer chegar a isso pela razão prática, pelo fazer e pela moral. Pelo esforço humano resultante em produtos sempre mais perfeitos se busca, explícita ou implicitamente, uma justificação do Deus criador dos humanos.

Nos *capítulos 3 a 6* temos as propostas “positivas” de Bayer, centralizadas na fórmula “justificação pela fé”. O *capítulo 3* tem como tema “A justiça passiva da fé”. Seu movimento é o seguinte: a morte do “velho Adão”, morte do ser humano inclusive para os seus projetos de justificação própria e de Deus, seja pelo pensar ou pelo fazer. A justiça da fé é *passiva* e não ativa, e supõe um descentramento do ser de si mesmo, um “esquecimento de si próprio”. A este morrer para si seguem-se o renascimento e o ganhar pela graça um novo centro, que é o próprio coração de Deus. É importante que se diga que aqui não estamos tratando simplesmente de uma questão “forense”, ou seja, tudo se passa como se diante do tribunal divino fôssemos declarados inocentes quando na verdade éramos culpados. Trata-se sempre de muito mais: é uma questão existencial, de experiência de vida. Temos que nos sentir “no ventre da baleia”, como Jonas, no espaço tão estreito e apertado e gerador das nossas neuroses e fobias, e daí também no amplo espaço propiciado pela graça às pessoas renascidas. A esse morrer e renascer segue-se, então, a “nova obediência” na vida concreta. No tocante a isso Bayer também tem algumas coisas muito importantes a dizer.

O *capítulo 4* talvez seja um pouco difícil para os não-iniciados na teologia, mas o seu argumento é essencial para o autor e, diga-se, para a teologia evangélica luterana como um todo. Trata da palavra de Deus e mostra como ela é um poder atuante e eficaz, que realiza concretamente aquilo que Deus se propõe. Não se trata de uma palavra dita e à qual devo com as minhas forças responder, e sim de uma palavra que no momento em que é dita (e isso é importante: “dita”) é poderosa para realizar a si própria, por ser a forma de presença do próprio Deus triúno.

O *capítulo 5* trata de um tema que estava desde o início no horizonte das preocupações do autor: a relação correta entre justificação e santificação. Desde a primeira geração da Reforma esta é uma das questões que a tensiona internamente. Bayer mostra como justificação e santificação são um e o mesmo movimento, que ambos são movimentos da graça de Deus e que um comporta o outro em sua totalidade. Santificação é voltar sempre de novo à base da justificação, a fé concedida pela graça no Batismo. Este capítulo talvez seja, em nosso momento eclesial atual, o mais importante do livro.

O *capítulo 6*, o último, trata da questão da justificação de Deus pelo próprio Deus no futuro. No Prefácio à 2ª edição alemã do livro, o autor o descreve como um “esboço de dogmática luterana” que, entre outras coisas, está “voltado para a suspensão escatológica da abscondidade de Deus e de sua justiça”. A revelação de Deus em forma de ocultamento (abscondidade) é característica fundamental da sua revelação no tempo presente. Da manjedoura à cruz, Deus se revela *sub contrario*, isto é, escondendo-se. Este ocultamento de Deus na própria revelação é crucial para toda a inversão realizada por Ele nos destinos do mundo e da humanidade. E a fé é justamente o olhar renovado pela graça e capaz de perceber Deus nesse Seu ocultamento. E o futuro, para a fé, é o desocultamento de Deus à luz da Sua glória futura.

Um pequeno grande livro, que merece ser lido e relido e estudado em sala de aula, em grupos de estudo e discussão nas comunidades. Em tempos em que de novo estamos diante da questão do que seria de fato *identidade luterana*, este livrinho pode contribuir substancialmente para que essa pergunta seja respondida de forma evangélica.

Enio R. Mueller